

Corpo “educado”: atuação pedagógica de professores de Educação Física em academias de ginástica

RESUMO

Os profissionais de saúde pautam-se em saberes técnico-científicos atrelados à racionalidade biomédica para exercer sua atuação como educadores e interventores. Nos estabelecimentos de práticas corporais, especialmente nos espaços *fitness*, sabe-se que há uma educação biologizante do corpo por parte daqueles que ministram as aulas e atividades do treinamento. Nesse ensaio, objetiva-se, portanto, analisar e problematizar como professores de Educação Física enquanto profissionais de saúde educam o corpo nas academias de ginástica. Esse artigo analisa em que medida a intervenção em saúde desses professores através dos exercícios físicos das academias leva em consideração questões sociais ou fatores exclusivamente biológicos de seus frequentadores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física e treinamento; Profissional de saúde; Academias de ginástica; Educação em saúde; Práticas corporais

Alan Camargo Silva

Doutor em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Educação Física e Desportos, Rio
de Janeiro, Brasil
alan10@zipmail.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-1729-5151>

Jaqueline Ferreira

Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Rio
de Janeiro, Brasil
jaquetf@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7662-1773>

“Educated” body: pedagogical acting of Physical Education teachers in gyms

ABSTRACT

Health providers draw on technical-scientific knowledge tied to the biomedical rationality to develop their work as educators and intervenors. It is known in the body practices settings, especially in fitness spaces, that there is a biologizing education of the body by those who conduct the lessons and the practicing activities. This essay is aimed to analyze and question how Physical Education teachers, as health providers, educate the body in gyms. This paper analyses in what extent these teachers’ intervention in health by means of physical exercises in gyms takes in consideration social issues or biological factors of their attendees only.

KEYWORDS: Physical education and training; Healthcare professional; Gyms; Health education; Bodily practices

Cuerpo “educado”: actuación pedagógica de los profesores de Educación Física en los gimnasios

RESUMEN

Los profesionales de la salud se guían por los conocimientos técnico-científicos vinculados a la racionalidad biomédica para ejercer su papel de educadores e intervinientes. En los establecimientos de prácticas corporales, especialmente en los espacios de fitness, se sabe que hay una educación biologizante del cuerpo por parte de quienes imparten las clases y las actividades de entrenamiento. En este ensayo, el objetivo es, por lo tanto, analizar y problematizar cómo profesores de Educación Física mientras profesionales de salud educan el cuerpo en los gimnasios. Este artículo analiza en qué medida la intervención en salud de estos profesores a través de los ejercicios físicos de los gimnasios tienen en cuenta las cuestiones sociales o factores exclusivamente biológicos de sus frequentadores.

PALABRAS-CLAVE: Educación y entrenamiento físico; Profesional de la salud; Centros de acondicionamiento; Educación en salud; Practicas corporales

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Ao mobilizar discursos considerados científicos sobre o corpo, imediatamente emerge uma dimensão normativa de análise (LATOUR, 2004). Desse modo, nesse texto, o recorte de pensamento teórico-analítico sobre o corpo parte de um sentido plural e holístico ou à luz do que Mauss (2003) chama atenção e que Daolio (2020) problematiza acerca das técnicas corporais: levar em consideração o fato social total, isto é, a integração de diferentes aspectos constituintes de dada realidade que influencia os usos do corpo. Assim, no sentido sociocultural, entende-se que as formas de pensar, sentir e agir se constroem ininterruptamente entre indivíduo e sociedade (LE BRETON, 2020).

Especificamente no âmbito formal da área de Educação Física, é possível detectar um avanço nas práticas e investigações fundamentadas pela ótica sociocultural sobre o corpo no espaço escolar (DAOLIO, 2010; NEIRA, 2020). Entretanto, quando se trata do âmbito não formal da área, como o espaço *fitness* das academias, o ritmo de produtividade das investigações pautadas pelas Ciências Humanas e Sociais não acompanha na mesma proporção do universo educacional (SILVA, 2017a).

Diante desse contexto teórico-empírico, vale indagar aqui como os professores de Educação Física constituem-se como profissionais de saúde e até que ponto a intervenção para/com/no corpo ocorre no interior das academias. Mais precisamente, questiona-se se a intervenção em saúde com os exercícios físicos nas academias está permeada por parâmetros físico-orgânicos que levem em consideração o frequentador como um ser social.

Sabe-se que a intervenção pedagógica do professor de Educação Física se estabelece de maneira multifacetada, pois abrange o âmbito escolar e outros espaços não-escolares. Destarte, parte-se do pressuposto que o profissional de Educação Física vem educando o corpo seja no âmbito formal ou não formal. Oliveira (2011, p. 139) argumenta que “O que é Educação Física? É uma prática social, como em última instância são todas as atividades humanas. O seu pano de fundo é a questão pedagógica, e não a médica”.

Assim, a relevância desse texto¹ pauta-se nos seguintes argumentos: em primeiro lugar, fornece substrato argumentativo para pensar as maneiras como os professores de Educação Física lidam com os saberes e práticas voltados à saúde com os seus públicos. Em segundo lugar, contribui sobremaneira para pensar a atuação do profissional de Educação Física na interface entre os campos da Saúde e da Educação, o que corroboraria com a ideia de rompimento de fronteiras

¹ Declaramos que o presente manuscrito não possui conflito de interesses.

epistemológicas para compreensão ampla e aprofundada de como os professores lidam com o corpo nas academias.

Nesse ensaio, objetiva-se, portanto, analisar e problematizar como professores de Educação Física enquanto profissionais de saúde educam o corpo nas academias de ginástica.

CORPO “EDUCADO” ENTRE TRADIÇÕES E REPRODUÇÕES

No espaço das academias, pode haver os seguintes profissionais: nutricionistas, fisioterapeutas, médicos e aqueles formados em Educação Física (atuantes ou não como *personal trainer*). Delimita-se aqui a atuação do profissional de saúde, no caso do professor de Educação Física, que se posiciona como o principal responsável em supervisionar as práticas corporais nesses estabelecimentos.

Os principais argumentos para ingressar ou frequentar as academias se estabelecem pelo interesse comercial que há no contexto *fitness* (CALESCO; BOTH; SORIANO, 2013; SILVA; FERREIRA, 2020). Bastos (2013) analisa esta realidade a partir do que denomina de uma “epidemia de *fitness*” como uma questão de saúde pública na medida em que, por vezes, os sujeitos sentem-se obrigado a realizar regularmente uma prática corporal. O Sistema *Body Systems* de ginástica que sistematizava algumas aulas coletivas à luz de pressupostos avançados de *marketing* e de tecnologia (GOMES; CHAGAS; MASCARENHAS, 2010) e, recentemente, a marca *Crossfit* (DAWSON, 2015; SIBLEY; BERGMAN, 2017; FORTUNATO et al., 2019) são marcos emblemáticos desse mercado performático do *fitness*.

Assim, na maioria das ocasiões, os frequentadores se engajam nas práticas corporais em academias por meio de uma espécie de argumentos voltados à “estetização da saúde” ou à “saudabilidade da estética”. Enquanto a primeira expressão se refere à ideia de determinados atributos ligados à beleza do corpo que são utilizados para designar um possível estado ou julgamento sobre a saúde (AZEVEDO; CAMINHA, 2011); o segundo termo aponta para a noção de que o cuidado com a saúde supostamente aprimoraria a aparência do corpo (FEATHERSTONE, 2010). Entretanto, ainda há necessidade de explorar como os profissionais de Educação Física atuam especificamente no contexto do campo da Saúde, como ocorrem nas iniciativas acadêmicas e profissionais cada vez mais presentes na área (BENEDETTI et al., 2014; GOMES et al., 2015; WACHS et al., 2016).

Nesse sentido, embora seja evidente que a preocupação com a educação do corpo dito saudável foi um dos pilares de construção e desenvolvimento da Educação Física (NOGUEIRA; BOSI, 2017), o formado da área somente foi reconhecido legalmente como um profissional de

saúde em tempos recentes. Haddad et al. (2006, p. 92) registram que a década final do século XX foi marcante para a categoria profissional em Educação Física “em decorrência da promulgação da nova LDB (Lei nº 9.394/96), o reconhecimento como profissional da área de saúde (Resolução nº 218/CNS/1997), a regulamentação da profissão em Educação Física (Lei nº 9.696/1998) e, conseqüente criação do sistema CONFEF/CREF”. O Conselho Nacional de Saúde (CNS) reconheceu os professores de Educação Física como profissionais de saúde apenas no ano de 1997 para atuar na prevenção, na promoção, na proteção e na reabilitação da saúde (HADDAD et al., 2006).

No entanto, Fraga, Carvalho e Gomes (2012/2013, p. 378) lembram que “Deste reconhecimento pelo CNS, a formação profissional seguiu majoritariamente centrada na epidemiologia do risco, no modelo clínico/prescritivo e na visão biomédica do processo saúde-doença, portanto, ainda distante dos princípios constantes dessa resolução”. Assim, a inserção dos profissionais de Educação Física em serviços de saúde atuando com as práticas corporais ainda precisa avançar teórica e instrumentalmente (WACHS, 2017).

Dessa forma, os professores da área de Educação Física ainda, por vezes, se utilizam do referencial biomédico, oferecendo a ideia do sujeito como um sistema exclusivamente orgânico (SILVA, 2017b). Assim, ao atuar em academias enquanto profissionais de saúde munidos do arcabouço técnico-científico, os professores prescrevem normas ou instruções e contribuem para a formação de juízos de valor acerca dos comportamentos que deveriam ser adotados ao longo da vida.

Esse contexto de atuação profissional em Educação Física vai ao encontro de Lupton (2000, p. 15) quando afirma que “As práticas de saúde pública e os discursos de promoção de saúde privilegiam um certo tipo de sujeito, um sujeito que é auto-regulado, consciente de sua saúde [...] Privilegiam também um corpo que é contido/coibido, que está sob o controle da vontade”. É nesse sentido que a área de Educação Física associada a outras instituições sociais operam uma forma pedagógica técnico-científica de educação do corpo como objeto a ser manipulado ou instruído (ZOBOLI; MEZZAROBA, 2019).

Em uma perspectiva de certo *ethos* da profissão, questiona-se a atuação do professor de Educação Física com seus públicos em academias. Tal profissional se articula aos sistemas de especialistas que constroem novas demandas de conhecimento e de necessidades consumistas na esfera da saúde (PICH et al., 2007). A reprodução dos discursos sobre determinados atributos corporais e suas relações com a questão do risco à saúde, por exemplo, é constantemente vivenciada por esses profissionais no cotidiano das academias. Nesses espaços, certas noções de corpo, muitas

vezes, se proliferam de modo indiscriminado reforçando, assim, certas racionalidades quanto ao seu uso ou à sua educação.

Nessa direção, aquele que atua na Educação Física em academia com o relativo *status* de profissional de saúde acaba se tornando um dos responsáveis em lidar com essas demandas relativas ao corpo. Por isso, por vezes, esse profissional de saúde educa o corpo entre tradições e reproduções de caráter biologizantes da racionalidade biomédica.

CORPO “EDUCADO” ENTRE DIÁLOGOS E RELAÇÕES

Argumenta-se que o profissional de Educação Física exerce o papel pedagógico de educador em saúde, na qual a sua atuação laboral poderia respeitar o saber popular para integrar, solidarizar, conscientizar e tornar seus alunos cientes das melhorias de condições de vida (DA ROS; VIEIRA; CUTOLO, 2005). Melo (1981, p. 38) aponta que o profissional de saúde em geral “deveria diagnosticar, identificar as ‘barreiras’ sociais, econômicas e culturais oferecidas pela população e propor medidas ‘educativas’ que possa ‘quebrar’ essas barreiras”.

Assim, mais do que estar habilitado para orientar as práticas corporais ou sistematizar estratégias racionais de ensino de técnicas específicas voltadas ao corpo, entende-se que o professor de Educação Física nas academias pode atuar, acima de tudo, de modo crítico e reflexivo para educar para a promoção da saúde, o que é totalmente diferente de informar para a saúde (DA ROS; VIEIRA; CUTOLO, 2005). A relação entre o professor de Educação Física e o praticante, por vezes, pode se reduzir à “forma vertical, em que o profissional da saúde informa o paciente qual é a melhor forma de agir para garantir sua saúde, para que o paciente possa, enfim, decidir, sobre sua saúde” (HAESER; BÜCHELE; BRZOZOWSKI, 2012, p. 615).

É preciso levar em consideração, portanto, que a prática ou o próprio modo de adotar o exercício físico regularmente pode aumentar conforme a elevação de rendimentos, o nível educacional, a ocupação profissional, ou ainda, ter outras relações como a falta de tempo, motivação, companhia, apoio social, clima e locais inadequados (BAGRICHEVSKY et al., 2013; RECH et al., 2018). As condições de vida não são regidas apenas da forma com que os sujeitos se inserem no mundo como uma mera opção de permear os espaços de determinada maneira, mas também por todas as desigualdades ou iniquidades sociais que podem interferir em suas ações face às suas moradias, às formas de trabalho, aos tipos de alimentação, etc. (BARATA, 2009). Dessa maneira, as condições de vida delimitam a amplitude de escolhas individuais, estas, por sua vez, estão atreladas a determinados elementos simbólicos presentes na realidade cotidiana dos sujeitos e influenciam no ato de se movimentar (SILVA, 2017a).

Geralmente, o profissional de Educação Física privilegia os aspectos técnicos em detrimento de sua capacidade crítica de intervir em saúde nos diversos contextos socioculturais (SILVA, 2017b). Na pesquisa de Lupton (2003), por exemplo, detectou-se que os professores em contínua formação, ao tentarem esclarecer as relações entre educação em saúde e Educação Física, se remeteram à noção de saúde “holística”, ou ainda, a máxima “mente sã em um corpo sã”, discursos estes incompreensíveis ou difíceis de serem colocados em prática.

Alguns autores já destacaram a importância da educação do corpo e da saúde em todos os ambientes coletivos de intervenção da Educação Física, seja no espaço de educação formal ou não formal, como nas academias (BAPTISTA, 2006; CAMARA et al., 2010; SILVA et al., 2013; LÜDORF, 2019). A atuação educativa do profissional de Educação Física junto aos frequentadores em academias se torna um momento de interação dialógica indelével para fundamentar as ideias acerca do corpo tão prolapadas pela sociedade contemporânea.

Nessa direção, a atuação pedagógica do professor de Educação Física em academias pode se apropriar da ideia de que a própria adesão do indivíduo à prática de exercícios físicos é influenciada por fatores sociais, culturais e econômicos, o que aproxima a área do campo da Saúde Coletiva (WACHS et al., 2016; CARVALHO; CARVALHO, 2018). No ponto de vista de Hallal (2012, p. 243), “não podemos prosseguir vivendo em uma sociedade onde a escolha de ser fisicamente ativo é tão difícil por causa das barreiras ambientais, políticas e de conhecimento”.

Desse modo, partindo da ideia de que “A cultura dita as maneiras de utilizar ferramentas e de movimentar o corpo durante o trabalho” (RODRIGUES, 2006, p. 89), o próprio profissional de Educação Física de academia incorpora certos *habitus* ao exercer sua profissão face aos atributos corporais. Criam-se identidades profissionais que podem subsidiar certas racionalidades de atuação no campo da Saúde de como trabalhar com os alunos ao desenvolver hábitos e costumes específicos da área de Educação Física e do contexto social e cultural na qual está imerso. O *habitus* profissional de professores pode ser composto de:

[...] rotinas (que o professor constrói ao longo dos seus anos de trabalho); momento oportuno (a utilização de saberes e representações explícitas capazes de dirigir uma ação); ação racional (utilização de certos conhecimentos, aliados ao raciocínio rápido, em extrema urgência); improvisação regrada (parte imprevista na ação planejada, o agir na urgência). (BENITES; SOUZA NETO, 2011, p. 2)

Assim, é possível demarcar que os próprios *habitus* profissionais concretizam os *ethos* que permeiam a área de Educação Física, isto é, reitera atitudes, valores e estilos de comportamentos particulares ou emoções coletivas que compõem determinadas práticas e instituições sociais, no caso, determinados usos do corpo no campo da Saúde (FONSECA et al., 2009; GOMES;

CAMINHA, 2014; SILVA, 2017a). É nessa direção que uma educação do corpo também pode ser estabelecida entre diálogos e relações no contexto das academias considerando o frequentador como um ser social.

AFINAL, O CORPO ESTÁ SENDO “EDUCADO” EM ACADEMIAS COM BASE EM QUAIS REFERENCIAIS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Sem a pretensão de responder o questionamento de modo unívoco e, obviamente, longe de esgotar a discussão, entende-se que existe a necessidade de aprofundar as próprias perspectivas sobre os aspectos acadêmico-profissionais da Educação Física. Reformulações, discussões e reflexões no campo curricular da formação inicial da área auxiliariam sobremaneira os diferentes modos de educação do corpo, como já vêm sendo discutidas na literatura (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO, 2008; FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2012/2013; OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA; GOMES, 2019). Carvalho, Guerra e Loch (2020) argumentam que a formação profissional em Educação Física se constitui por um dos maiores desafios da área, pois ainda se atrela predominantemente à lógica biomédica.

Atualmente, há uma multiplicidade da égide formativa do professor de Educação Física que pode ser vista em inúmeros estudos que denotam a pluralidade de visão de corpo e de saúde desde os graduandos de diferentes currículos, transitando em noções de cunho biológico e, em menor grau, de caráter sociocultural (SILVA et al., 2009; SILVA; SILVA; LÜDORF, 2011; ARANDA et al., 2012; FERREIRA; BAPTISTA, 2013; SILVA; SILVA; LÜDORF, 2014). Independentemente do âmbito de atuação, parte da prática do formado em Educação Física deriva dos saberes e das experiências adquiridas e vividas no âmbito da formação inicial (LÜDORF, 2019), embora não seja viável classificar determinados perfis profissionais pelo tipo de graduação (SILVA, 2017b).

Ressalta-se também que além de licenciados plenos e bacharéis em Educação Física que poderiam ser considerados profissionais de saúde, ainda há uma categoria da área à parte do viés formativo tradicional em graduação universitária e que constitui o grupo de profissionais denominados de provisionados. Durante o processo de profissionalização da Educação Física, instituiu-se que os sujeitos que trabalhavam e tinham uma experiência em algum ramo da área pudessem atuar exclusivamente naquele ofício como “práticos” por lei, caso complementassem sua formação com determinados e breves conhecimentos científicos propostos e dirigidos pelo Conselho Federal de Educação Física (RAMOS, 2009). Registra-se que “Uma das razões para este fato está na sua própria constituição como área de práticas culturais, onde o conhecimento é transmitido pela experiência e

tradição, a começar pelos militares que difundiram a ginástica como instrutores, até os esportistas e mestres em artes marciais, que difundem os esportes e as diferentes lutas” (QUELHAS, 2012, p. 179).

Em termos gerais, estudos sobre os professores de Educação Física em academias são cada vez mais desenvolvidos por diferentes perspectivas de análise teórico-metodológica. No entanto, as pesquisas de caráter sociocultural parecem não privilegiar o questionamento do professor de Educação Física como profissional de saúde diante da educação do corpo, sobretudo nas academias. O trabalho de Silva, Freitas e Lüdorf (2019) detectou, por exemplo, as formas como os profissionais de Educação Física lidam com seus públicos em academias, ora vendendo seus serviços, ora orientando seus alunos.

Urge, portanto, cada vez mais a necessidade de ampliar frentes de investigação que aprofundem as análises até que ponto os professores de Educação Física enquanto profissionais de saúde educam o corpo nas academias. Em especial, as investigações acerca da formação acadêmico-profissional devem avançar para iluminar o campo de atuação pedagógica em Educação Física no âmbito não formal da área.

Cabe lembrar que é a partir da imagem de saúde que emerge a figura do professor como prestador de serviço: o *personal trainer* (CARMO JUNIOR; GOBBI; TEIXEIRA, 2013). O *personal trainer* cada vez mais se volta à intervenção no campo da Saúde, configurando-se por uma prática individualizada/ personalizada em busca de um suposto bem estar físico integral (ANVERSA; OLIVEIRA, 2011). O *personal trainer* exerce seu trabalho como profissional interno ou externo à academia, isto é, respectivamente, quando se tem vínculo com a empresa ou somente, de modo direto, com o cliente. Por isso, o trabalho do profissional de Educação Física com o treinamento personalizado (*personal training*) no ramo do *fitness* também já foi palco de discussão de alguns estudos (BOSSLE, 2008; BOSSLE; FRAGA, 2011; CARMO JUNIOR; GOBBI; TEIXEIRA, 2013; GOMES; CAMINHA, 2014; SILVA; BOSSLE; FRAGA, 2016).

Ressalta-se que estudos sobre academias voltados especialmente à articulação com a Saúde Coletiva parecem mais se aproximar de uma educação do corpo pautada no sujeito inserido em seu contexto sociocultural. Aponta-se que há um código de boas maneiras para viver e falar do corpo em cada grupo social em dado tempo histórico, realidade esta que a área de Educação Física pode compreender para intervir com seus públicos nesses tipos estabelecimentos.

Nesse contexto, pode-se afirmar que cresce o número de publicações e iniciativas que se dedicam às práticas corporais e à atividade física no que diz respeito ao campo da Atenção Básica do Sistema Único de Saúde (CARVALHO; NOGUEIRA, 2016). Por um lado, há uma sólida potencialização da produção de conhecimento e de implementação de práticas de atividades físicas/práticas corporais em programas de academias vinculadas essencialmente à esfera pública (SÁ et al.,

2016; DAHLKE; VAZ, 2020). Por outro, os estabelecimentos privados também precisam ser investigados, principalmente no que concerne à atuação do professor de Educação Física em diálogo com o campo da Saúde já que houve uma expressiva expansão do ensino superior particular nos últimos anos (BROCH et al., 2020).

Por fim, argumenta-se que indagar quais perspectivas o corpo está sendo “educado” em academias pelo profissional de Educação Física significa buscar os referenciais teórico-metodológicos que o fazem obter o reconhecimento de profissional de saúde. Ou ainda, este tipo de análise crítico-reflexiva remete a resgatar o próprio processo de construção epistemológica da área que se situa na interface entre o campo da Educação e da Saúde. Afinal, o fato da Educação Física se constituir por distintos e complexos campos de atuação faz com que o trabalhador da área se situe pelos diferentes referenciais que orientam a profissão (ANTUNES; KNUTH; DAMICO, 2020).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Em síntese, foi possível analisar e problematizar como professores de Educação Física enquanto profissionais de saúde podem educar o corpo nas academias de ginástica. Ainda que pesem os saberes e práticas ligados essencialmente às “tradições e reproduções” da área, emerge, cada vez mais, a compreensão de uma educação do corpo em academias calcada entre “diálogos e relações”.

Na área de Educação Física, como acontece no campo da Saúde, o desempenho dos múltiplos papéis sociais dos diferentes perfis profissionais está intrincado a uma série de aspectos de ordem institucional, legal, política, pessoal, social e formativa. Logo, aprofundar o lugar do formado em Educação Física como profissional de saúde em academias significa entendê-lo tanto por aspectos macroestruturais, quanto específicos da sua carreira ou trajetória na área.

Sendo assim, reconhece-se aqui, portanto, que, recentemente, cresceu o número de publicações relativas ao corpo em academias. No entanto, trabalhos voltados à intervenção educativa do professor de Educação Física, enquanto profissional de saúde, ainda são incipientes no cenário acadêmico da área, sobretudo pela ótica sociocultural acerca de que tipos de “pedagogias do corpo” são privilegiados nas academias.

Propositalmente, ao longo do texto, foi utilizado o termo “professor” e “profissional”, independente da formação inicial no sentido de esclarecer que a atuação educativa em Educação Física no campo da Saúde deve ser compreendida no contexto das interações sociais dos alunos engajados nas práticas corporais. Ainda que não esteja dando “aulas como professor” no espaço escolar, o profissional da área de Educação Física no ramo das academias assume um papel

pedagógico central como profissional de saúde em “educar corpos”. Torna-se imperioso, portanto, pensar princípios e orientações educativas na Educação Física acerca das práticas corporais não somente nas unidades escolares, mas também em outras instituições da área que contêm um processo de ensino-aprendizagem com aqueles denominados de usuários, praticantes, frequentadores, clientes ou, até mesmo, alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Diogo Silveira Heredia; KNUTH, Alan Goularte; DAMICO, José Geraldo Soares. Educação Física e promoção da saúde: uma revisão de perspectivas teórico-metodológicas no Brasil. **Educación Física y Ciencia**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, p. e116, 2020.

ANVERSA, Ana Luiza Barbosa; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Personal trainer: competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, 2011.

ARANDA, Rafael Assad et al. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 4, p. 735-747, 2012.

AZEVEDO, Andréa Maria Pires; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Estetização da saúde e dismorfia muscular: concepções sociais do corpo. **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 530-538, 2011.

BAGRICHEVSKY, Marcos et al. Desigualdades sociais em saúde e práticas corporais: um exercício singular de análise. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 497-510, 2013.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana. Perspectivas para a formação profissional em Educação Física: o SUS como horizonte de atuação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 128-143, 2008.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. A autoconsciência do corpo na academia de ginástica. **Estudos**, Goiânia, v. 33, n. 9/10, p. 773-787, 2006.

BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

BASTOS, Wanja. Epidemia de fitness. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, 2013.

BENEDETTI, Tânia Rosane Bertoldo et al. (Orgs.). **A formação do profissional de Educação Física para o setor saúde**. Florianópolis: Postmix, 2014.

BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel. Educação Física, professores e estudantes: a escolha da docência como profissão e os saberes que lhe são constitutivos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, 2011.

- BOSSLE, Cibele Biehl. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 187-198, 2008.
- BOSSLE, Cibele Biehl; FRAGA, Alex Branco. O personal trainer na perspectiva do marketing. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 149-162, 2011.
- BROCH, Caroline et al. A expansão da Educação Física no ensino superior brasileiro. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, n. 1, p. e-3143, 2020.
- CALESCO, Vinicius Almeida; BOTH, Jorge; SORIANO, Jeane Barcelos. Comparação do valor percebido de clientes e administradores sobre os serviços prestados em academias de ginástica. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 45-55, 2013.
- CAMARA, Fabiano Marques et al. Educação Física na promoção da saúde: para além da prevenção multicausal. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 101-110, 2010.
- CARMO JUNIOR, Wilson do; GOBBI, Sebastião; TEIXEIRA, Camila Vieira Ligo. Personal trainer: a profissão, o profissional e a estrutura de um novo mercado. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 248-266, 2013.
- CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Práticas corporais e atividades físicas na perspectiva da Promoção da Saúde na Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1829-1838, 2016.
- CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; CARVALHO, Yara Maria. Outros... Lugares e modos de “ocupação” da Educação Física na Saúde Coletiva/Saúde Pública. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 4, p. 957-967, 2018.
- CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; GUERRA, Paulo Henrique; LOCH, Mathias Roberto. Potencialidades e desafios das práticas corporais e atividades físicas no cuidado e promoção da saúde. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-19, 2020.
- DAHLKE; Ana Paula; VAZ, Fabiana Fernandes. Scoping review: práticas corporais na atenção básica em saúde. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, e54908, 2020.
- DAOLIO, Jocimar (Org.). **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas: Autores Associados, 2010.
- DAOLIO, Jocimar. Corpos e culturas: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss. In: SILVA, Maria Cecília de Paula; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). **Corpo e cultura**. Natal: EDUFRRN, 2020. p. 117-127.
- DA ROS, Marco Aurélio; VIEIRA, Ricardo Camargo; CUTOLO, Luiz Roberto Agea. Educação Física: entre o biológico e o social. Há conflito nisto? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 15, n. 24, p. 107-118, 2005.
- DAWSON, Marcelle. CrossFit: fitness cult or reinventive institution? **International Review for the Sociology of Sport**, Toronto, v. 52, n. 3, p. 361–379, 2015.

FEATHERSTONE, Mike. Body, image and affect in consumer culture. **Body & Society**, London, v. 16, n. 1, p. 193-221, 2010.

FERREIRA, Terita Michele da Silva; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Concepção de corpo de estudantes de 1º e 8º períodos de duas Universidades de Goiás. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 23, n. 44, p. 5-17, 2013.

FONSECA, Rubiane Giovani et al. O conhecimento profissional na intervenção em Educação Física: um estudo de caso etnográfico. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 367-380, 2009.

FORTUNATO, Jonatan et al. “Nada se cria...”: o Crossfit enquanto prática corporal ressignificada. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 1-17, 2019.

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de; GOMES, Ivan Marcelo. Políticas de formação em Educação Física e Saúde Coletiva. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 367-386, 2012/2013.

GOMES, Ingrid Rodrigues; CHAGAS, Regiane de Avila; MASCARENHAS, Fernando. A indústria do fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso Body Systems. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 169-189, 2010.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Um olhar sobre a formação e atuação profissional no Brasil: o caso dos personal trainers. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 560-577, 2014.

GOMES, Ivan Marcelo et al. (Orgs.). **Práticas corporais no campo da Saúde: uma política em formação**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015.

HADDAD, Ana Estela et al. (Orgs.). **A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde: 1991-2004**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

HAESER, Laura de Macedo; BÜCHELE, Fátima; BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf. Considerações sobre a autonomia e a promoção da saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2012.

HALLAL, Pedro Curi. Atividade física e saúde: o início de uma nova era. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 17, n. 4, p. 243, 2012.

LATOUR, Bruno. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. **Body & Society**, London, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004.

LE BRETON, David. Aprender o mundo pelo corpo. In: SILVA, Maria Cecilia de Paula (Org.). **De corpo inteiro: corpo e educação no tempo presente**. Salvador: EDUFBA, 2020.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Corpos e Educação Física: por uma educação sociocorporal. In: SILVA, Marco; ORLANDO, Cláudio; ZEN, Giovana (Orgs.). **Didática: abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 305-329.

- LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 15-48, 2000.
- LUPTON, Deborah. “Desenvolvendo-me por inteiro”: cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p.11-31, 2003.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- MELO, Joaquim Alberto Cardoso de. Educação sanitária: uma visão crítica. In: CANESQUI, Ana Maria; CAMARGO, E. S. P.; BARROS, Maulisa Berti de (Orgs.). **Educação e saúde**. São Paulo: Cortez, 1981. p. 28-43.
- NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da Educação Física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2020.
- NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Saúde Coletiva e Educação Física: distanciamentos e interfaces. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1913-1922, 2017.
- OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Educação Física, saúde e formação profissional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, e280302, 2018.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 2011.
- OLIVEIRA, Victor José Machado; GOMES, Ivan Marcelo. Os desafios da formação profissional em Educação Física para a área da saúde: uma interpretação a partir de periódicos da área. **Proposições**, Campinas, v. 30, e20170123, 2019.
- PICH, Santiago; GOMES, Ivan Marcelo; VAZ, Alexandre Fernandez. Mercadorização biopolítica: sobre escolhas saudáveis em tempos de consumo. In: BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. v. 3. Ilhéus: Editus, 2007. p. 187-207.
- QUELHAS, Álvaro de Azevedo. **Trabalhadores de Educação Física no segmento fitness: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.
- RAMOS, Glauco Nunes Souto. Escolas de ofício, profissão Educação Física e sociedade. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 919-924, 2009.
- RECH, Cassiano Ricardo et al. Perceived barriers to leisure-time physical activity in the brazilian population. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 303-309, 2018.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. 7. ed., Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.
- SÁ, Gisele Balbino Araujo Rodrigues de et al. O Programa Academia da Saúde como estratégia de promoção da saúde e modos de vida saudáveis: cenário nacional de implementação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1849-1860, 2016.

SIBLEY, Benjamin; BERGMAN, Shawn. What keeps athletes in the gym? Goals, psychological needs, and motivation of CrossFit™ participants. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, London, v. 16, n. 5, p. 555-574, 2017.

SILVA, Alan Camargo et al. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 109-126, 2009.

SILVA, Alan Camargo; SILVA, Fernanda Azevedo Gomes; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Formação em Educação Física: uma análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 57-74, 2011.

SILVA, Alan Camargo. Da Antropologia da Saúde para Educação Física: práticas corporais sob análise. In: TELLES, Silvio; LÜDORF, Sílvia; PEREIRA, Erik (Orgs.). **Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017a. p. 50-57.

SILVA, Alan Camargo. Apontamentos sobre a promoção da saúde na formação profissional em Educação Física. In: ANACLETO, Francis Natally de Almeida; SILVA, Gustavo da Motta; SANTOS, José Henrique dos. (Orgs.). **Educação Física e interfaces com a história, o currículo e a formação profissional**. Curitiba: CRV, 2017b. p. 213-231.

SILVA, Alan Camargo; FREITAS, Diego Costa; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Profissionais de Educação Física de academias de ginástica do Rio de Janeiro e a pluralidade de concepções de corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 102-108, 2019.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Evolução das academias de ginástica no Brasil e sua relação com a saúde. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 24, n. 262, 2020.

SILVA, Gustavo da Motta; SILVA, Alan Camargo; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Graduandos de licenciatura em Educação Física em início e término do curso: concepções sobre a prática docente e o corpo. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 8-21, 2014.

SILVA, Joseny et al. As academias de musculação como espaços educativos não formais. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 3-17, 2013.

SILVA, Maurício Leite da; BOSSLE, Cibele Biehl; FRAGA, Alex Branco. Em companhia do personal trainer: significados atribuídos pelos alunos ao atendimento personalizado. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 26-37, 2016.

WACHS, Felipe et al. (Orgs.). **Educação Física e Saúde Coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016.

WACHS, Felipe. Educação Física e o cuidado em saúde: explorando alguns vieses de aprofundamento para a relação. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 339-349, 2017.

ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. Corpo e política: notas sobre a educação do corpo. **Kinesis**, Santa Maria, v. 37, p. 1-11, 2019.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES - Não houve conflitos de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Rogério Santos Pereira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

João Caetano Prates Rocha; Keli Barreto Santos

HISTÓRICO

Recebido em: 18 de agosto de 2020

Aprovado em: 05 de outubro de 2020

